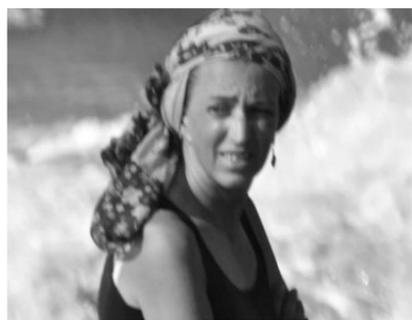


Poesia

Estou no cais...



Palmira Marques - Timor Leste

A poesia é um vaivém
como as ondas do mar.
é uma brisa ligeira
que embala os pés do café.
é uma chuva de lágrimas
que não consigo conter
quando a saudade aperta.

depois, é aquele nó na garganta,
aquela lágrima teimosa,
aquele morder de lábio...
e aquele desejo imenso
de correr para os teus braços.

mas afinal quem é tu??

Tu nem sequer existes.
criei-te na paixão da vida,
fiz-te um ser imortal
que chegou num baleeiro...
mas logo partiu!

a vida deixou-me às cegas,
presa no cais, dentro do barco,
a apodrecer ao sabor da maré.

Timor espera-me!

estou presa, cega e a apodrecer.

vejo finalmente a morte!

doce vai ser
o abraço
que ela me vai dar:
vão secar as lágrimas
vão abrir-se-me os olhos
vou soltar as amarras,
vou ficar limpa da lepra.

Então, caio no convés
e fito o céu, o céu de Timor
- naquele hemisfério distante -
e vejo aquela única Estrela
que de repente...
se apaga...

a vida chegou ao fim!

Luísa Demétrio Raposo - Portugal

redonda, é a dor que desce pela garganta num
bocejante trago aberto, ciclame, rejuvenescendo-me
no passado, a saudade essa teia gulosa e varejada,
inalcançável, queimando-me o mar revoltado onde
mergulho a ausência, a garganta ainda incompleta
em
fetal ampliação e absinto; **Grito!**

Criança



Vera Duarte - Cabo Verde

Canto a luz de uma noite
em fogo de mártires incendiada
Canto a luta vitoriosa
num Setembro nascida
Canto a flor que sangra
das entranhas sedentas da terra
Canto a madrugada
nos lábios roxos da batalha

E canto-te a ti criança
filha do povo
nascida nas ilhas
num tempo novo
de homens redimidos

Criança esperança
trazendo em dádiva
o sorriso confiança
num mundo em construção

In "Amanhã Amadrugada"

Verónica Martínez Delgado - Galiza

Chegamos
a um orgasmo ínfimo.
Adoeço
a imaginar
que pode ser nesta altura
que eu fique grávida.

Desafio o horizonte vertical

Ramiro Vidal Alvarinho - Galiza

Húmido e persistente,
Célula que sou deste réptil colérico

Engolo e transpiro raiva
Perante a nossa condenação

Quem sentencia o fim deste organismo vivo?
Numa administração sem latejos e com cérebro geométrico
Encenemos a imolação perante os germes
metálicos da infâmia!!!

POEGRAFIAS



Autobiografia

Amosse Mucavele - Moçambique

*Queria ser uma árvore
para não fazer aniversário*

Manoel de Barros

*À Hagira Palmira, minha
mãe 3 anos de eterna
saú(da)de*

No princípio chorei de olhos fechados, no princípio atingi o clímax pelo cacho do leite que diariamente arrancava com a boca no frondoso corpo da mulher operária. E depois, comecei a habitar os saberes das montanhas e dos campos pedregosos das superfícies singulares dos retratos coloridos. Hoje tenho apenas 25 pedras atiradas no céu desta cidade. Onde vendo idades ao preço do tempo que me persegue pelas entranhas do hipotecado caminho da vida. No casco da mesma cidade jazem vários encontros das pedras vazias e dos rumores do mar. Nascem borboletas rastejantes nos ovos das acácias e morrem cobras voadoras em pleno decorrer do silêncio das estrelas engolidas pelo ventre maternal. Hoje voltei a rir de saudades, voltei a depositar lágrimas no corpo da lápide que responde pelo seu nome. Mas tenho de antemão que ela esta a enganar-me, pois a minha mãe já não reside nesta cidade que planta sorrisos quentes no horizonte florido de divindades e colhe-os de forma infame sem época, nem data, nem hora.com plumas de ânsia do tamanho do Everest 46 vezes reflectidas no zoológico espelho da dor.

Camila Vardarac - Brasil

É incessante o som dos cascos que antecede a tua chegada.

Nesse tempo de aguardo
o sono queima pelas bordas.
Eu masco vidros, e sorrio sangue
em meio ao cerco das gardênias.

Sou a loucura aprimorada por uma obsessão.

Prometo-te:
desnudar-me-ei para ti
sem que a inocência caia
com meu vestido.